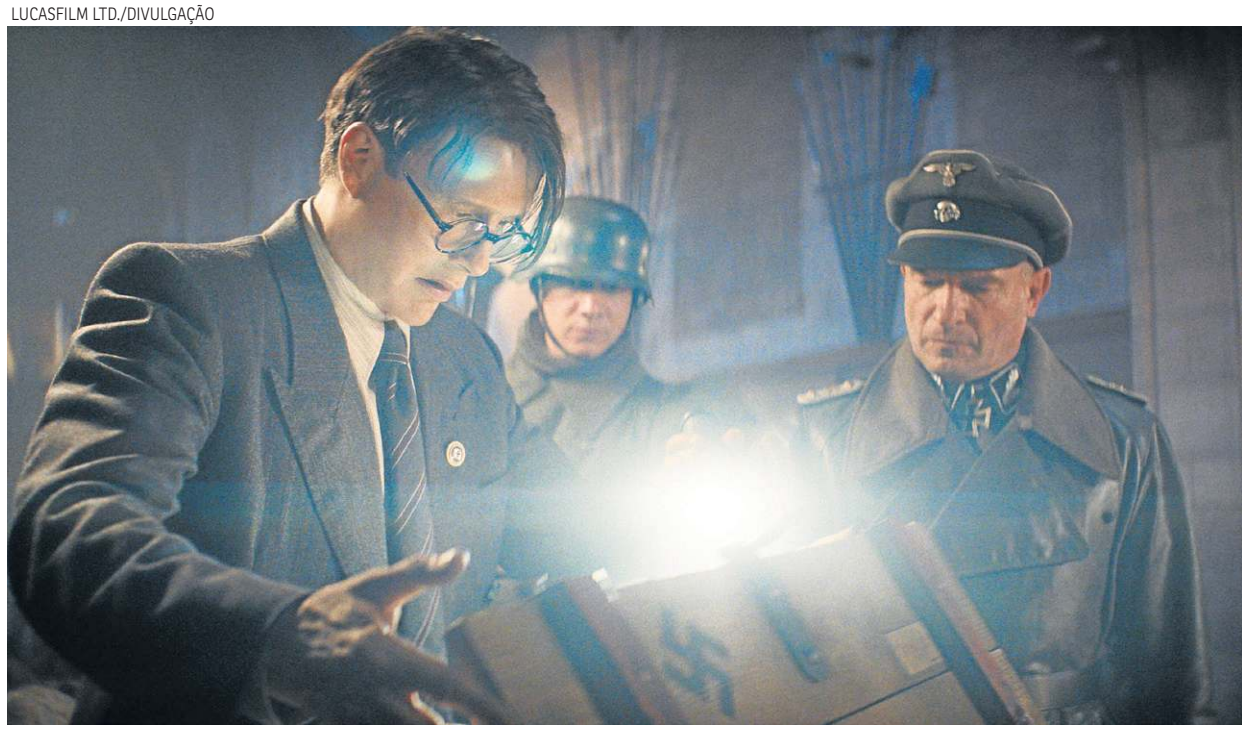
Crítica // *Indiana Jones e a relíquia do destino* ★★★★

Bem longe da calmaria dos museus

Em filme que parece marcar o desfecho da franquia, Indiana Jones se envolve em uma trama agitada que coloca em jogo a eterna luta entre o bem e o mal

Ricardo Daehn

LUCASFILM LTD./DIVULGAÇÃO



Temperaturas, tempestades, marés e demais "perturbações" — que incluem fissura no tempo — estão aparentes na leitura do mecanismo de Anticítera, um aparato grego, cuja criação foi atribuída ao transdisciplinar Arquimedes. Entre pinos e algumas condições nada ideais advindas da idade, o bom e velho Indy, arqueólogo que nunca acreditou em mágica, se vê envolto tanto pelo apreço dos inventos da tecnologia quanto pela capacidade de ilusão da sétima arte, no decorrer do belo *Indiana Jones e a relíquia do destino*, embalado pela competente direção de James Mangold (sempre eficiente com biografias como Johnny & June e Logan).

De certa forma, em grande estilo, Mangold parece aposentar Indiana e ainda a agitada verve de Harrison Ford. Com cicatrizes do tempo, Indiana lida com elementos que não pode impedir, como testemunha da própria história, mas ele tem ambições que extrapolam a esfera pessoal, e ganha a chance de aventuras associadas a nazistas, capazes de reclamar o espólio reservado "aos vencedores".

LUCASFILM LTD./DIVULGAÇÃO



Harrison Ford e Phoebe Waller-Bridge no quinto Indiana Jones

É nessa deixa que o roteiro da tríade David Koepp (do *Homem-Aranha* de 2002), Jez Butterworth (do empolgante *Aliança do crime*) e de John-Henry Butterworth (que assinou o orgânico *Ford vs. Ferrari*) ganha chão. Na quinta aventura de Indiana Jones o outrora autossuficiente herói ainda ganha oportunidades junto à ação novaiorquina (potente pelos dividendos da corrida espacial) e por um inesperado salto no tempo que não seria bom revelar.

Numa agitada história movida a roubos e réplicas, os vilões não aceitam falsificação: encerram-se num coronel interpretado por Thomas Kretschmann (do pacifista *O pianista*, filme de 2002) no submisso Klaber (Boyd Halbrook) e muito mais saborosamente no excêntrico *Dr. Voller* (Mads Mikkelsen). Já do lado de Indy estão a afilhada Helena (Phoebe Waller-Bridge) e o despreparado Basil Shaw (Toby Jones, na pele de um atrapalhado escudeiro).

A pré-aposentadoria de *Indiana Jones* vem com tom adequadamente emotivo (à la Carlitos), mas sem dispensar segredos, intrigante criptografia, princípios físicos adulterados e exame de engenhocas. Orquestrada ao som inconfundível da trilha sonora de John Williams, a aventura é vasta e traz, além de inicial e afiada cena em cima de um trem, imagens submersas e incorpora toda a sorte de veículos que vão do simplório tuk-tuk, passando por aviões, carros e motos.

Na base da autenticidade, entre trilhos de metrô, sir Indiana se mostra mesmo é Indy cavalgando rumo ao destino de aquecer (na cabeça do espectador) o peso da ciência e a graça de seu domínio.

Mads Mikkelsen e Thomas Kretschmann: vilania à vista